

Entre o macro e o micro: relato de uma investigação histórica com uso de banco de dados

Jonathan Fachini da Silva

Mestrando em História

Universidade Federal do Vale do Rio dos Sinos (UNISINOS)

j_fachini@hotmail.com

RESUMO: O presente trabalho pretende compartilhar as experiências de pesquisa a partir de um exercício quantitativo com banco de dados e as possíveis escolhas teórico-metodológicas tomadas, a fim de uma melhor compreensão do objeto de pesquisa. A pesquisa apresentada refere-se às “crianças expostas” na freguesia Madre de Deus de Porto Alegre. Pretende-se, assim, mostrar como um *corpus* documental seriado como os registros paroquiais (batismo, casamento e óbito), organizados e sistematizados em um banco dados, puderam revelar casos isolados. As trajetórias individuais reconstituídas se deram a partir da mudança de escala da análise e cruzamento com outras fontes de cunho eclesiástico e jurídico. Dessa forma, a proposta é apresentar uma análise cruzada a partir do jogo de escalas, partindo de uma visão macro para uma visão micro do objeto de estudo.

PALAVRAS-CHAVE: Macro-História, Micro-História, crianças expostas.

ABSTRACT: The present work aims to share research experiences from a quantitative exercise with the database and the possible theoretical and methodological choices made in order to a better understanding of the research object. The research presented refers exposed children in the village Madre de Deus in Porto Alegre. The aim is to show as a documentary corpus show how organized parish records (baptism, marriage and death) and systematized in a data bank, might reveal isolated cases. Individual trajectories reconstructed, made themselves from the scaling analysis and crossed with other sources of ecclesiastical and legal nature. Thus, the proposal is to present a cross-sectional analysis from the game scales, from a macro view to micro view of the object of study.

KEY-WORDS: Macro-History, Micro-History, children exposed.

Introdução

É um pecado capital teorizar antes de termos os dados. Insensatamente, começamos a torcer os fatos para encaixar as teorias, em vez de usarmos as teorias para encaixar os fatos.

Sherlock Holmes

Pretende-se, aqui, mostrar as facetas de um banco de dados, hoje, talvez, mais comuns aos pesquisadores que se aventuram com fontes seriadas. Nos últimos anos, as pesquisas no

âmbito da Demografia Histórica, carregadas pelo estudo quantitativo, têm cada vez mais abrido caminho para a História Social¹ — um caminho frutífero para a História da Família, que tem abordado um leque de temas e questionamentos que permaneciam no silêncio pela historiografia brasileira. Alguns exemplos desse caminho são: os estudos de compadrio, teias de relações, ilegitimidade, família escrava e a rediscussão do conceito de família no período Colonial e Imperial brasileiro.

Uma das novas portas abertas pela historiografia da Família foi a da *criança ilegítima*, e neste arcabouço estão as crianças “expostas” ou “enjeitadas”, seguindo a denominação da época. Trata-se de crianças que, por algum motivo ou por outro, foram abandonadas pelos seus progenitores em algum lugar ermo, na porta de um domicílio ou em uma instituição que as abrigasse — as “Casas de Roda”, quando essas existiam na Vila. Por esse motivo — a ausência da “Roda dos expostos”² —, o abandono domiciliar foi a forma de “exposição” mais corriqueira e praticada em quase todo o território brasileiro.

Essa temática foi sugerida pelas fontes ao se constatar os índices de ilegitimidade e exposição de crianças na Freguesia Madre de Deus de Porto Alegre desde sua fundação, no ano de 1772, até 1837, quando no ano seguinte, 1838, é inaugurada a Roda dos Expostos em Porto Alegre. Como veremos adiante, esses índices de ilegitimidade e exposição seguem flutuações conforme o crescimento e desenvolvimento urbano da freguesia.

Os dados quantitativos levantados a respeito das crianças expostas só foram passíveis de análise com o auxílio e construção de um banco de dados. Neste, foram inseridas as informações contidas nos registros paroquiais (batismo, casamento e óbito) da freguesia Madre de Deus. Com essas informações coletadas e sistematizadas, os primeiros dados quantitativos são os resultados parciais do pesquisador. É o primeiro olhar sobre o universo

¹ O termo História Social é de difícil definição, como alega Eric Hobsbawm: Já foi empregado para tratar da História dos pobres e inferiores; dos usos e costumes, vida cotidiana; e ainda empregado em combinação à História econômica. Valendo-se de uma definição do autor: “*é uma colaboração entre modelos gerais de estrutura e mudança social e o conjunto específico de fenômenos que de fato aconteceram. Isso é verdade e independente da escala geográfica ou cronológica utilizada em nossas pesquisas [...] é em outras coisas a história de unidades específicas de pessoas que vivem juntas, unidades que são definíveis em termos sociológicos*”. Cf. HOBBSAWM, Eric. Da história social à história da sociedade. In: *Sobre História*. São Paulo: Companhia das Letras, 2006. p. 86.

² O nome Roda — dado por extensão à casa dos expostos — provém do dispositivo de madeira onde se depositava o bebê. De forma cilíndrica e com uma divisória no meio, esse dispositivo era fixado no muro ou na janela da instituição. No tabuleiro inferior da parte externa, o expositor colocava a criancinha que enjeitava, girava a Roda e puxava um cordão com uma sineta para avisar à vigilante — ou Rodeira — que um bebê acabara de ser abandonado, retirando-se furtivamente do local, sem ser reconhecido. MARCÍLIO, Maria Luíza. *História social da criança abandonada*. São Paulo: Hucitec, 1998. p. 56.

populacional do espaço geográfico de sua pesquisa. No caso em questão, a dimensão da população de expostos da Freguesia Madre de Deus de Porto Alegre.

Nesse sentido, a primeira parte do texto tende a esclarecer a construção e manutenção do banco de dados: os primeiros resultados e cruzamentos nominativos, os dados quantitativos e o cotejamento com outras fontes de caráter qualitativo. Em seguida, será feita uma reflexão do aporte teórico: quais são os problemas de pesquisa e como os métodos de análise podem guiar o pesquisador de maneira a contribuir com o conhecimento histórico acerca das crianças expostas em Porto Alegre. E, por fim, na última parte, uma pequena mostra, uma trajetória de vida revelada pelo cruzamento de fontes a partir do banco de dados.

O revelar dos dados: NACAOB

A grande guinada da historiografia dedicada à temática da família esteve atrelada à Demografia Histórica. Estudos que chegam ao Brasil nos anos 1970, a partir dos trabalhos de Maria Luiza Marcílio, que, enfim, colocam a família como centro — objeto específico — de análise³. Esses estudos que se difundiram no Brasil tiveram três referenciais básicos, em um primeiro momento: a demografia histórica, a análise da economia doméstica e os debates interdisciplinares com as ciências sociais⁴. Foram estudos sistemáticos com a técnica de reconstituição de famílias que abriram o leque de discussões sobre a família e seu entorno, o casamento, o concubinato, a criança, o parentesco espiritual, etc.

Marcílio seguiu os passos da Demografia Histórica que estavam sendo difundidas na França naquele momento. Assim, utilizou os registros paroquiais de batismo, casamento e óbito e as técnicas de reconstituição de famílias desenvolvidas por Louis Henry, adaptando estas técnicas a uma realidade brasileira, conforme se encontravam organizados os registros eclesiais de São Paulo⁵. Logo, esses trabalhos demográficos sobre a família começam a se

³ Nos últimos quarenta anos, observa-se uma proliferação de trabalhos voltados para o estudo da população atual. Temas como a história da família, da criança e da mulher, a análise das estruturas do parentesco, da sociabilidade, do patrimônio familiar, da composição da força de trabalho com ênfase na mão de obra escrava e da imigração são amplamente dominantes. Nesse sentido, autores chegam ao ponto de afirmar que a demografia histórica no Brasil passou por um processo de “transbordamento” em relação aos limites tradicionais da disciplina. BACELLAR, Carlos A. Prado; BASSANEZI, Maria S. C. Beozzo; SCOTT, Ana S. Volpi. *Quarenta anos de demografia histórica*. In: R. bras. Est. Pop., São Paulo, v. 22, n. 2, p. 339-350, jul./dez. 2005. p. 342.

⁴ Cf. ANDERSON, Michael. *Elementos para a História da família Ocidental 1500-1914*. Lisboa: Editorial Quercus, 1984.

⁵ FARIA, Sheila de Castro. História da Família e Demografia Histórica. In: CARDOSO, Ciro Flamarion; VAINFAS, Ronaldo (Org.). *Domínios da História: Ensaios de Teoria e Metodologia*. Rio de Janeiro: Campus, 1997. p. 253.

multiplicar, nas décadas de 1980 e 1990, conforme o crescimento e profissionalização das universidades brasileiras. Atualmente, esses estudos têm encontrado novos horizontes na História Social.

Esses estudos, que se seguem ainda hoje, dão exemplo das possibilidades com o tratamento das fontes primárias, como os registros paroquiais, para o estudo da população e família. Através deste diálogo com a Demografia Histórica, há um suporte teórico com métodos adequados de análise⁶. Sendo assim, na pesquisa, primeiramente é elaborada uma base quantitativa do objeto — a criança exposta — que possibilitará uma maior percepção deste fenômeno para a qualificação do mesmo.

A pesquisa quantificada tem os mesmos objetivos que a qualitativa: explicar o homem, coletivo e individual. A quantificação permite encontrar relações, explicações de comportamentos, que muitas vezes permanecem ocultas a uma pesquisa qualitativa. O poder da quantificação reside essencialmente na possibilidade que oferece de estabelecer relações exatas. Mas quantificar não é nunca um fim em si mesmo.⁷

O auxílio da informática se torna indispensável para esse tipo de estudo. Os dados já disponíveis são referentes aos registros paroquiais (batismos, casamentos e óbitos) da população livre, o que equivalem aos primeiros Livros de Registros da Matriz localizados na Cúria Metropolitana de Porto Alegre. Essas informações encontram-se numa base de dados SQL, “batizada” de NACAOB⁸. Com essa base de dados alimentada com esses assentos, é possível explorar os dados coletados de maneira sistemática nas planilhas do Excel e com o suporte teórico-metodológico da Demografia Histórica — o que permitirá, também com o auxílio desta ferramenta, cruzar as informações contidas nas três séries de assentos (batismos-casamentos-óbitos).

Como foi dito, essa ferramenta permite ao pesquisador um alcance dos dados quantitativos, o que, de certa forma, é a primeira parte da pesquisa. Os próximos passos da pesquisa seguirão com maior alcance, na medida em que se tem a dimensão do universo

⁶ Cf. NADALIN, Sergio Odilon. *História e demografia: elementos para um diálogo*. Campinas: Associação Brasileira de Estudos Populacionais - ABEP, 2004. (Coleção demographicas; v. 1).

⁷ AROSTEGUI, Julio. Método e técnicas na pesquisa histórica. In: _____. *A pesquisa Histórica: teoria e método*. Bauru: Edusc, 2006. p. 538.

⁸ O programa informatizado foi desenvolvido entre os anos de 1991 e 1992, pelo analista de sistema Dário Scott, que integra o grupo de pesquisa “Demografia & História”. Esse programa constantemente vem recebendo atualizações importantes que permitem ao pesquisador ter em mãos uma cópia fiel do documento manuscrito original. Cf. SCOTT, Ana Sílvia Volpi. SCOTT, Dário. *Cruzamento Nominativo de Fontes: desafios, problemas e algumas reflexões para a utilização dos registros paroquiais*. XV Encontro Nacional de Estudos de População. Caxambú – MG, Setembro, 2006. Disponível em: <http://www.abep.nepo.unicamp.br/encontro2006/docspdf/ABEP2006_480.pdf>. Acesso em: 16 out. 2013.

quantitativo que se está lidando. Assim, a título de exemplo, trago uma tabela dos percentuais de legitimidade, ilegitimidade e exposição da Freguesia Madre de Deus de Porto Alegre de 1772 ao ano de 1829.

Tabela I – Batismos por condição de legitimidade (%)⁹

Década	Legít.	Ilegít.	Exposto	N/D*
1770-79	66,3	29,4	0,8	3,5
1780-89	66,7	30,4	2,6	0,4
1790-99	68,2	26,0	3,3	2,5
1800-09	77,4	15,6	6,1	0,9
1810-19	72,5	19,5	6,9	1,1
1820-29	69,9	21,4	7,7	1,0
Total	71,3	22,0	5,3	1,3

Fonte: Elaboração dos autores a partir do Banco de dados da Madre de Deus.

* N/D - Não determinado. (Nesses casos, a informação não constava no assento ou a fonte estava danificada, rasurada, assim, impedindo a leitura paleográfica).

Podemos conferir que os percentuais de exposição na Madre de Porto Alegre dão um salto, elevando-se de menos de 1% a quase 8%, nas últimas décadas. A exposição aumenta sua frequência concomitante ao crescimento populacional e o processo de urbanização de Porto Alegre, uma Freguesia portuária de lugar politicamente estratégico, que se torna sede da capitania antes mesmo de tornar-se Vila, em 1810. Para se ter ideia, em 1780¹⁰, Porto Alegre contava com um contingente populacional de 1.512 habitantes, números que serão duplicados para 3.268, em 1798, passando para cerca de 6.000, em 1810, e 12.000, em 1822¹¹.

Deve-se enfatizar, no entanto, que esse dinamismo não foi limitado apenas à Madre de Deus de Porto Alegre: de forma geral, o continente do Rio Grande de São Pedro apresentou

⁹ A tabela contabiliza apenas até a data de 1829, devido ao processo de construção do banco de dados, que não se encontra finalizado. Ver também SCOTT, A. S. V. et al. Família, gênero e geração: limites e possibilidades a partir de um estudo sobre o sul da América Portuguesa nos anos Setecentos. In: III Congresso Latinoamericano de Población, 2008, Córdoba. III Congresso Latinoamericano de Población - *La población de América latina y el Caribe: retos en torno de la desigualdad y la diversidad*. Córdoba: Alap Asociación Latinoamericana de Población, 2008.

¹⁰ É do ano de 1780 o primeiro censo da freguesia Madre de Deus de Porto Alegre.

¹¹ Cf. SANTOS, Corcino Medeiros dos. *Economia e Sociedade do Rio Grande do Sul: Século XVIII*. São Paulo: Editora Nacional, 1984.

também um quadro de crescimento acelerado. Em 1780, a população total do continente fora estimada em 18 mil pessoas; menos de vinte anos depois (em 1798), havia se verificado um aumento populacional que se situou pouco abaixo de 20%, o que representa uma taxa anual de crescimento da ordem de 3.2%. A título de comparação, neste período, São Paulo, Bahia, Pernambuco e Alagoas cresceram a uma taxa máxima de crescimento de apenas 2.3%. Na virada para o século XIX, entre 1798-1814, o ritmo de crescimento foi ainda maior, atingindo uma marca de 111%¹².

A Freguesia Madre de Deus foi um lugar privilegiado para circulação de pessoas, principalmente marinheiros, comerciantes e militares. A grande movimentação masculina pode ser um indício dos índices de ilegitimidade e até — por que não? — de exposição, visto que esta pode ter servido para ocultar um adultério ou gravidez precoce, algo fora do padrão moral da época, e muito compartilhado entre as famílias abastadas¹³.

Esse percentual de nascimentos de expostos levantados na Freguesia Madre de Deus ganha mais singularidade quando comparado a estudos que contemplaram o fenômeno da exposição em outras regiões da Colônia. Para a vila de São Paulo, por exemplo, que constituía o núcleo urbano principal e capital administrativa da Capitania de mesmo nome, os índices de abandono chegaram aos patamares de 21.9%, na segunda metade do século XIX. Na Freguesia da Sé, da cidade de São Paulo, a média foi de 15%, entre 1741 e 1755, e de 18%, entre 1780 e 1796¹⁴. Já em áreas mais pobres, de economia de subsistência, como Ubatuba, litoral paulista, a proporção de expostos era de somente 0.6%. Em Sorocaba, outra localidade paulista, houve anos em que absolutamente nenhuma criança exposta fora registrada, embora a média tenha sido 4.1% nos anos de 1679 e 1845¹⁵.

Esses percentuais parecem se repetir, uma vez que, nas freguesias urbanas das cidades de Rio de Janeiro, Sé e São José, a proporção de expostos batizados entre a população geral foi de 21.3%. Já nas áreas rurais, como Guaratiba, Irajá, Jacarepaguá e Inhaúma, a proporção

¹² Cf. OSÓRIO, Helen. Expansão Territorial e população: a capitania do Rio Grande no primeiro quartel do século XIX. In: SCOTT, Ana S. V.; FLECK, Eliane C. D. (Orgs.). *A Corte no Brasil: População e Sociedade no Brasil e em Portugal no início do século XIX*. São Leopoldo: Oikos; UNISINOS, 2008.

¹³ Autores que compartilham desse pressuposto: DEL PRIORE, Mary. *Histórias Intimas: sexualidade e erotismo na história do Brasil*. São Paulo: Editora Planeta, 2011; SILVA, Maria Beatriz Nizza da. *Vida privada e cotidiana no Brasil na época de D. Maria I e D. João VI*. Lisboa: Estampa, 1993.

¹⁴ Cf. VENÂNCIO, Renato Pinto. *Infância sem destino: o abandono de criança no Rio de Janeiro do século XVIII*. Dissertação de mestrado. São Paulo: USP, 1990.

¹⁵ Cf. MARCÍLIO, Maria Luíza. *Caiçara. Terra e população*. São Paulo: Paulinas/CEDHAL, 1986; BACELLAR, Carlos Almeida Prado. Abandonadas nas soleiras portas: a exposição de crianças nos domicílios de Sorocaba, séculos XVIII e XIX. In: *Cativeiro e Liberdade*, n° 4, Rio de Janeiro: UFRJ/UFF, 1996.

decrece para 3.3%.¹⁶ Na região de Minas Gerais, especificamente em São João del Rei, também uma área sem roda de expostos, a média percentual é de 8%¹⁷. Na vila de Curitiba, também sem misericórdia de amparo aos enjeitados, entre os anos de 1751 e 1800, a média foi de 9,1%¹⁸.

Os dados registrados para São Paulo, Rio de Janeiro, Minas Gerais e Paraná indicam que, nas áreas urbanas, a prática do abandono se intensificava, com índices muito maiores do que aqueles registrados em localidades rurais. Explicar essa situação tem sido um desafio para os historiadores. Alguns trabalhos já mencionados anteriormente indicam que, nessas áreas urbanas, os índices de exposição eram maiores porque se tornavam áreas de referência para o abandono; ou seja, as mães e/ou famílias de áreas interioranas optavam por abandonar nessas áreas centrais, mantendo em sigilo o fato, muito mais difícil em pequenos vilarejos¹⁹.

A questão é que o fenômeno da exposição esteve presente em Porto Alegre e, assim como outras vilas urbanas do Rio de Janeiro ou nas áreas centrais de São Paulo, pode ter sido a sede do abandono de crianças, prole de famílias moradoras em áreas vizinhas. A questão é entender o fenômeno da exposição, no contexto de Porto Alegre, a partir de suas singularidades; ou será que o fenômeno no extremo sul da América Portuguesa seguiu padrões de outras áreas da colônia? Recorrendo sempre aos ensinamentos de Marc Bloch, cabe ao historiador saber questionar os documentos, e assim novos caminhos poderão ser percorridos para recompor a história do abandono: “[...] mesmo o mais claro e complacente dos documentos não fala senão quando se sabe interrogá-lo. É a pergunta que fazemos que condiciona a análise e, no limite, eleva ou diminui a importância de um texto retirado de um momento afastado.”²⁰

Nesse sentido, as indagações serão direcionadas para alguns aspectos da prática do enjeitamento na Madre de Deus. Interessa saber quem criava essas crianças? De quem eram

¹⁶ Cf. FARIA, Sheila de Castro. *A colônia em movimento: fortuna e família no cotidiano cultural*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1998. p. 69.

¹⁷ Cf. BRÜGGER, Silvia Maria Jardim. Crianças Expostas: um estudo da prática do enjeitamento em São João Del Rei, séculos XVIII e XIX. In: *TOPOI*, v. 7, n. 12, jan.-jun. 2006. p. 116-146.

¹⁸ Cf. CAVAZZANI, André Luiz M. *Um estudo sobre a exposição e os expostos na Vila de Nossa Senhora da Luz dos Pinhais de Curitiba (Segunda metade do século XVIII)*. Dissertação (Mestrado em História) - Programa de Pós-Graduação em História. Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2005.

¹⁹ Cf. FARIA, Sheila de Castro. A propósito das origens dos enjeitados no período escravista. In: VENÂNCIO, Renato Pinto (Org.). *De Portugal ao Brasil: uma história social do abandono de crianças*. São Paulo: Alameda; Belo Horizonte: Ed. PUC Minas, 2010. p. 80-98.

²⁰ BLOCH, Marc L. Benjamim. *Apologia da história, ou, O Ofício de historiador*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001. p. 79.

estes domicílios onde eram deixados? Era uma escolha aleatória? Que posição assumiam nos novos lares, como um filho ou como um serviçal? Essas são questões que podem nortear, frente ao problema de pesquisa, e foram justamente elas que levaram a uma personagem singular: Dona Anna Marques de Sampaio.

Através de um cruzamento dos registros paroquiais no banco de dados, chamou atenção a recorrência do nome “Anna Marques de Sampaio”. Sua recorrência aparece em diversos momentos e assumindo variados papéis. Ora “Dona” Anna Marques de Sampaio está testemunhando casamentos, ora está sendo madrinha de um batizado, alforriando escravos na pia batismal e o mais interessante dos casos, batizando expostos que foram deixados na soleira de sua porta. Ainda, em alguns desses casos, foi ela mesma, a madrinha da criança.

O caso dessa personagem histórica foi revelado através de um cruzamento nominativo, ou seja, o nome foi o “fio de Ariadne”²¹, condutor do cruzamento das fontes. Assim, pôde-se perceber que, nas cerimônias de batismos da Madre de Deus de Porto Alegre, Dona Anna Marques de Sampaio foi nada menos que, aproximadamente, 30 vezes convocada para ser madrinha, entre os anos de 1772 e 1799, e outras tantas na virada para o século XIX. Essa mudança de escala para uma análise microscópica não é inocente, ela tem um embasamento nos estudos de micro-história que têm influenciado historiadores brasileiros nos últimos anos, principalmente trabalhos que se banharam no mar da História Social.

Notas sobre a micro-história

Existem muitas discussões historiográficas sobre o conceito de micro-história. Por muitas vezes, foi vulgarizado como um jargão conceitual aplicado para diversos fins. Mas, afinal de contas, a micro-história é um modelo teórico? Jacques Revel, prefaciando uma obra de Giovanni Levi²², deixa claro que a micro-história deve ser compreendida “como um

²¹ Trata-se do mito em que *Teseu* recebe, de *Ariadne*, um fio que o orienta pelo labirinto, onde encontrou e matou o *Minotauro*. Nesse sentido, Carlo Ginzburg se pautou no discurso do mito do labirinto, ao apreender a rica metáfora do “fio do relato, que ajuda a nos orientarmos no labirinto da realidade”. GINZBURG, Carlo. *O fio e os rastros. Verdadeiro, falso, fictício*. São Paulo: Companhia das Letras, 2007. p. 7.

²² “*L’eredità immateriale: Carriera di un esorcista nel Piemonte del Seicento*” (1989) Traduzido, posteriormente, para o português: REVEL, Jacques. Prefácio. In: LEVI, Giovanni. *A herança imaterial*. Trajetória de um exorcista no Piemonte do século XVII. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2000. p. 8.

sintoma: uma reação a um momento específico da história social, da qual propõe reformular certas exigências e procedimentos.”²³

Atrelada à História Social e aos desdobramentos da historiografia francesa, a micro-história estaria relacionada à abertura da história — enquanto ciência — ao diálogo com as demais ciências do homem, principalmente a antropologia. Essa aproximação entre a história e a antropologia rendeu bons frutos para ambas as disciplinas. À medida que a antropologia passava a considerar o processo de mudança em seu objeto e não mais analisar grupos ou tribos como sociedades estáticas e imutáveis, a história passou a considerar os comportamentos, crenças e o cotidiano não apenas de homens ilustres ao grupo estudado, mas os homens comuns, antes vistos como irrelevantes. Seguindo essa lógica, a história passou a considerar o homem, sua cultura e sua relação com a estrutura social.

Os homens agem e se relacionam, pois, conforme seus lugares sociais e seus objetivos. Uma visão que não estabeleça o entrosamento dinâmico entre o social e o cultural termina por não levar em conta as possibilidades de variação tanto na cultura quanto na estrutura social, e superestimar as limitações das estruturas culturais e sociais é negligenciar as possibilidades de ação humana que fluem delas ou através delas.²⁴

À luz de novos horizontes trazidos pela antropologia, vem à tona a perspectiva de que os sujeitos não estão completamente condicionados pelas estruturas sociais; suas atitudes podem variar a partir de suas escolhas, e essas escolhas podem ser tomadas no âmbito particular — tendo múltiplas variáveis — de cada grupo e cada sujeito. Esse é um dos pontos-chave para se entender o percurso da micro-história, como salienta Revel, pois ela foi “uma reação a um momento específico da história social”. Nesse caso, entendo que a micro-história italiana foi uma resposta à historiografia do *establishment*, a escola francesa da “Era de Braudel”. Os seguidores dos *Annales* estavam envoltos de grandes massas documentais seriadas e de uma história de longa duração, e explodiam, na França na década de 1960, estudos monográficos de caráter demográfico e quantitativo²⁵.

Esta “revolução quantitativa”, como foi chamada, foi primeiramente sentida no campo econômico, particularmente na história dos preços. Da economia espalhou-se para a história social, especialmente para a história populacional.

²³ REVEL, Jacques. Prefácio. In: LEVI, Giovanni. *A herança imaterial*. Trajetória de um exorcista no Piemonte do século XVII. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2000. p. 8.

²⁴ ALMEIDA, Maria R. Celestino de. História e antropologia. In: CARDOSO, Ciro Flamarion; VAINFAS, Ronaldo. *Novos Domínios da História*. Rio de Janeiro: Elsevier, 2012. p. 154.

²⁵ Cf. CARDOZO, José Carlos da Silva. Reflexões sobre a abordagem macro e micro na História. In: *MNEME – Revista de Humanidades*, v. 11, n. 28, 2010, Ago./Dez. Disponível em: <<http://periodicos.ufrn.br/mneme/article/viewFile/1045/992>>. Acesso em: 15 out. 2013.

Finalmente, na terceira geração [...] a nova tendência invadiu a história cultural – a história da religião e história das mentalidades.²⁶

A micro-história, nesse sentido, trouxe todas as ferramentas para se repensar a história quantitativa dominante naquele momento — recortes temporais reduzidos, a volta da narrativa e, acima de tudo, reconstituir experiências sociais individuais, comportamentos e atitudes que escapavam ao modelo de história social de nível “macro” e generalizante. É uma mudança de *escala*, nas palavras de Jacques Revel, pois, na medida em que essa “escala” óptica é reduzida, novos conhecimentos emergem do vivido histórico²⁷. Nesse sentido, a “abordagem micro-histórica se propõe enriquecer a análise social tornando suas variáveis mais numerosas, mas complexas e também mais móveis.”²⁸

Ainda nos resta responder a pergunta feita inicialmente: a micro-história é um modelo teórico? Apesar de todos os desdobramentos e conceitos discutidos acerca da micro-história, Giovanni Levi, em um texto de mais densidade a respeito do assunto, logo em suas primeiras linhas, esclarece ao leitor:

Não é por acaso que o debate sobre micro-história não tem sido baseado em textos ou em manifestos teóricos. A micro-história é essencialmente uma prática historiográfica em que suas referências são variadas e, em certo sentido ecléticas. O método está de fato relacionado em primeiro lugar, e antes de mais nada, aos procedimentos reais detalhados que constituem o trabalho do historiador.²⁹

A micro-história pensada por esse viés pode servir como ferramenta de análise³⁰. Uma inspiração que só tem a contribuir quando é refletida para o fenômeno da exposição na Freguesia Madre de Deus de Porto Alegre. O que não é a intenção, de maneira alguma, fazer um trabalho de micro-história. Não assumo essa inspiração como corrente teórica estritamente, como uma “ideologia” epistemológica, comum na academia, as tendências teóricas que acabam se tornando “modismos”. No caso em questão, parte-se do princípio de

²⁶ BURKE, Peter. *A Escola dos Annales (1929-1989): A revolução francesa da historiografia*. São Paulo: Editora UNESP, 1997. p. 67.

²⁷ Entendo escala como “um objeto de análise que serve para medir as dimensões no campo dos relacionamentos [...]. Para a micro-história, a redução da escala é um procedimento analítico, que pode ser aplicado em qualquer lugar, independentemente das dimensões do objeto analisado”. LEVI, Giovanni. Sobre a micro-história. In: BURKE, Peter (Org.). *A Escrita da história: novas perspectivas*. São Paulo: UNESP, 1992. p. 137.

²⁸ REVEL, Jacques. *Jogos de escalas: a experiência da microanálise*. Rio de Janeiro: Editora FGV, 1998. p. 23.

²⁹ LEVI, op. cit., p. 133.

³⁰ Apesar de tratar a micro-história como uma abordagem metodológica, cf. BARROS, José D'Assunção. *O Campo da História – Especialidades e Abordagens*, Petrópolis: Vozes, 2004. Ressalto que outros autores lhe dão uma epistemologia teórica, conforme SERNA, Justo; PONS, Anaclét. O Buraco da Agulha. Do que falamos quando falamos de micro-história. In: MARTINS; Maria Cristina B.; MOREIRA, Paulo Roberto Staudt. *Uma História em escalas – A microanálise e a historiografia latino-americana*. São Leopoldo: Oikos; Editora Unisinos, 2012. (Coleção Estudos Históricos Latino-Americanos – EHILA). p. 15-72.

que toda historiografia é uma historiografia de seu tempo, e o mesmo vale para pensadores e inspirações teóricas. A micro-história, mesmo que uma “micro-história tapuia”³¹, nas palavras de João Fragoso, pode ajudar a problematizar o que se denomina na sua bagagem conceitual, o “excepcional normal”, e aqui retornamos à personagem principal desse texto, Dona Anna Marques de Sampaio.

A trajetória de *Anna Marques de Sampaio*: o “excepcional normal”

Manuel Marques de Sampaio é filho de fidalgos portugueses de Braga, nasceu na Freguesia de Santiago, na Vila de Extremos, no bispado de Évora. Migrou para o Brasil ainda jovem, contraiu núpcias com Dona Clemência Maria de Jesus, na Freguesia de Nossa Senhora do Desterro, em Santa Catarina. Permaneceu seus primeiros anos de casado em Santa Catarina, migrando para o Rio Grande do Sul, onde passou a viver em Viamão, depois se transferindo para a recém-formada freguesia Madre de Deus de Porto Alegre. Assumiu lugar de destaque naquela sociedade, atuando como “cirurgião-mor” e, no início do século XIX, integrou-se à Câmara de Vereadores. Sabe-se que em uma sociedade de “Antigo Regime” como a portuguesa, títulos e pronomes de tratamento como “dona” e “capitão” cabiam a sujeitos de destaque social³². Na freguesia Madre de Deus de Porto Alegre os capitães eram “homens bons”, isto é, pessoas de cabedal de uma determinada localidade, todos chefes de família abastados e respeitáveis habilitados a votar³³.

Anna Marques de Sampaio foi uma das primeiras filhas do casal, nasceu ainda na Freguesia do Desterro, no ano de 1753, falecendo em Porto Alegre, com a idade avançada de 103 anos, no dia 12 de julho de 1856. Anna Marques de Sampaio ainda teve outros irmãos, sendo que três deles seguiram a carreira religiosa, tornaram-se padres, alguns em Porto Alegre

³¹ Para os primeiros séculos da história colonial brasileira, o uso da micro-história italiana esbarra em obstáculos sérios, entre eles, a fragilidade dos arquivos. Por razões óbvias, a falta de *corpus* documentais que permitam o rastreamento “das pessoas”, em suas múltiplas relações, dificulta a análise das experiências sociais. Nesses casos, temos, no máximo, uma micro-história feia, tapuia, diferente da italiana. Acho que ter claro estes limites impede decepções e ciladas. FRAGOSO, João. Afogando em Nomes: temas e experiências na história econômica. *TOPOI*, Revista do Programa de Pós-Graduação em História Social. Rio de Janeiro: UFRJ, n. 5, p. 41-70, 2002. p. 63.

³² Para se ter um exemplo, o dicionário organizado por Raphael Bluteau (1712-1721) inicia o verbete de “Dona” como: “Mulher de destaque social”. Mais adiante, prossegue: *Dona como derivado do Latim Domina quer dizer Senhoras; com este título de Domina erão tratadas geralmente entre os Romanos mais corteções as mulheres moças, ou donzellas, sendo nobres. Cf. BLUTEAU, Rafael, Vocabulário português e latino... Coimbra: Collegio das Artes da Companhia de Jesus, 1712-1721. 8 v. Disponível em: <<http://www.ieb.usp.br/online/>>. Acesso em: 15 out. 2013.*

³³ COMISSOLI, Adriano. *Os “homens bons” e a Câmara Municipal de Porto Alegre (1767-1808)*. Porto Alegre: Câmara Municipal de Porto Alegre, 2008. p. 75.

e outros acabaram administrando outras paróquias das redondezas. Todas essas informações foram obtidas a partir do cruzamento nominativo, no qual o “nome” foi o fio condutor da análise. Ao cruzar os registros paroquiais com um leque de outras fontes (inventário, testamento, processos jurídicos e rol de confessados) o conjunto de informações sobre Anna Marques de Sampaio ficou mais amplo. A título de exemplo, abaixo segue um rol de confessado do seu “fogo”³⁴, que nos dá indícios do ambiente em que Anna Marques de Sampaio foi gerada.

Ilustração I – Rol dos Confessados da freguesia de Nossa Senhora Madre de Deus de Porto Alegre nesta quaresma. 1790.³⁵

<i>Manuel Marques de Sampaio</i>	CC		CH
Clemência, sua mulher	CC		CH
Reverendo <i>Manuel Marques de Sampaio</i> , seu filho	CC		CH
Antônio, seu filho	CC		?
Ana, sua filha	CC		?
Isabel, sua filha	CC		CH
Manuel José, agregado	CC		CH
Catarina, agregada	?	?	CH
Bernardo, agregado	?	?	?
<i>Escravos</i>			
Joaquim	CC		CH
[Antônio?]	CC		CH
Manuel	CC		CH
Domingos	CC		CH
João	?	?	CH
Josefa	CC		?
Teresa	CC		CH
Isabel	?	C	?
Domingos	?	?	?
Luzia	?	?	?
Constantino de Caro, agregado	?	?	?

Fonte: Arquivo Histórico Cúria Metropolitana de Porto Alegre.

Anna Marques de Sampaio, o nome sempre acolhido pelo prefixo “Dona”, como seguidamente foi registrada nos documentos, veio de um berço abastado. Seu lar era composto de alguns agregados e inúmeros escravos. Não optou pelo sagrado matrimônio,

³⁴ Assim eram tradicionalmente denominados os domicílios em Portugal e nas colônias portuguesas. Equivalentes em outros idiomas também eram utilizados nos países concernentes. Raphael Bluteau considera como sinônimo de “Família”, muito embora seja bastante ambíguo este conceito, para o século XVIII. Este dicionarista exemplifica, por exemplo, a utilização do termo: “Villa, que tem cem, ou duzentos fogos” [1712], o que reforça a ideia de família como domicílio. NADALIN, op. cit., p. 170.

³⁵ Ilustração extraída de FREITAS, Denize T. Leal. *Quem casa na freguesia Madre de Deus de Porto Alegre: A formação social através dos registros paroquiais de casamento (1772-1806)*. Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura em História) – Curso de História, Universidade do Vale do Rio dos Sinos, São Leopoldo, RS, 2008.

viveu e morreu no estado de “solteira”, como confirma o registro de seu óbito. O fato de não ter casado no decorrer de sua longa vida, a coloca em uma parcela daquela população definida pelos demógrafos historiadores como “celibatário definitivo”³⁶. Assim, podemos dizer que Dona Anna Marques de Sampaio era uma mulher incomum para sua época; era uma mulher de destaque social, possuidora de terras e escravos.

As fontes ainda permitiram acesso a um episódio peculiar na vida de Anna Marques de Sampaio. No ano de 1833, envolveu-se em um episódio policial, quando mandara um escravo e um agregado matarem, à espingarda, uma junta de bois de seu vizinho que cruzavam suas terras localizadas à beira do rio Guaíba. O episódio lhe custou um “processo judicial de conciliação”, no qual se recusou a comparecer à justiça alegando estar doente, entretanto, pagou para seu vizinho Joze Pereira Dias — quem havia prestado queixa — o valor do gado, assumiu a responsabilidade mesmo sem se pronunciar e assinou o acordo³⁷.

Esses são pequenos episódios que fazem parte da trajetória de Anna Marques de Sampaio, essa personagem que teve um traço marcante em relação à pesquisa pelas inúmeras vezes que compareceu na pia batismal amadrinhando crianças livres e escravas, algumas que até concedeu alforria e outras crianças expostas. É interessante ressaltar, ainda, o número de expostos que foram enjeitados em sua casa no século XIX. Segue, abaixo, uma relação desses pequeninos, seguido das datas que foram batizados e seus eventuais padrinhos:

Quadro I – Os expostos de *Dona Anna Marques de Sampaio*

Data do Batismo	Nome do exposto	Padrinhos
02/04/1818	Ritta	Joze Rodrigues de Oliveira
		Florisbella Cherobina de Sampaio
14/07/1821	Antonio	Jose Thomas de Lima
		<i>Dona Anna Marques de Sampaio</i>

³⁶ A base estatística deste conceito é constituída pela frequência dos homens e mulheres que, numa determinada população, atingem a idade de 50 anos sem nunca terem se casado. Em sociedades nas quais são poucas as evidências de uniões consensuais – e, portanto, sendo a regra o casamento na regulação da união entre um homem e uma mulher – uma maior ou menor taxa de celibato definitivo pode refletir problemas que impedem o casamento; ou, ao contrário, que o estimulam. Esta taxa é geralmente confrontada com as médias de idade dos homens e mulheres ao contraírem pela primeira vez um matrimônio. NADALIN, op. cit., p. 167.

³⁷ ARQUIVO PÚBLICO DO ESTADO DO RIO GRANDE DO SUL. Processo Judicial/Conciliação - 137 Réu: Anna Marques de Sampaio - 01/01/1833. Localização: Arquivo Público do Estado do Rio Grande do Sul.

19/03/1822	Duarte	<i>Alferes</i> Patrício Correa da Câmara
		Florisbella Cherobina de Sampaio
01/07/1824	Antonio	<i>Cônego Vigário Geral</i> Antonio Vieira da Soledade
		<i>Dona</i> Anna Marques de Sampaio
29/07/1826	Jozefa	Antonio Joze de Oliveira Guimarães
		<i>Dona</i> Francisca Cândida de Souza
19/07/1830	João	Duarte Marques de Sampaio
		Flora Florentina de Sampaio
08/02/1831	José	<i>Tenente</i> Joaquim Pedro de ?
		<i>Dona</i> Anna Marques de Sampaio

Fonte: Arquivo Histórico Cúria Metropolitana de Porto Alegre. Livro V-VI de Batismo da população livre da paróquia Madre de Deus de Porto Alegre

Tocado neste traço importante da vida de Anna Marques de Sampaio, como foi dito, ela se apresenta como “o excepcional normal”³⁸. Destaca-se na “longa duração” dos batismos da Madre de Deus de Porto Alegre. Como foi mencionado anteriormente, não contraiu núpcias, vivendo sua vida no estado de solteira, o que, de certa forma, é incomum para uma sociedade assentada na família. Nesse sentido, pode-se pensar que talvez por considerar o casamento uma etapa tão importante — devido ao seu cabedal social — ela optou por “permanecer no estado de solteira”, visto que muito provavelmente não tenha encontrado cônjuge à altura de suas expectativas sociais.

Por conseguinte, o número de crianças que são deixadas na sua porta é muito significativo — sete no total. Geralmente, as recorrências maiores encontradas para Porto Alegre eram de três crianças deixadas em uma mesma família, ao longo do século XIX. As primeiras inquietudes que correm aos olhos do pesquisador é saber se, afinal, essas crianças permaneceram no seu lar, se foram por ela criadas, e qual o papel dessas crianças na vida de Anna Marques der Sampaio.

³⁸ Na definição de Ginzburg, o “excepcional normal” pode ter dois significados: o primeiro refere-se ao documento que é aparentemente excepcional, mas que se constitui como uma prática comum no cotidiano social; e o segundo é o documento que é, por si, excepcional, o que pode dar conta de uma norma do cotidiano social. GINZBURG, Carlo. O nome e o como. In: GINZBURG, Carlo; CASTELNUOVO, Enrico; PONI, Carlo (Org.). *A micro-história e outros ensaios*. Rio de Janeiro: Editora Bertrand, 1989. p. 177-178.

Todos os expostos foram batizados em sequências, com diferenças de dois ou no máximo três anos, e seus padrinhos foram militares, clérigos, “Donas” e, em alguns casos, ela mesma assume o papel de madrinha. A princípio, essas crianças receberam o mesmo tratamento. Entretanto, há uma possível brecha que pode ao menos dar uma luz ao caso descrito. Trata-se do exposto Duarte, enjeitado no dia 19 de março de 1822. Seus padrinhos foram um alferes, Patrício Correa da Câmara, e Florisbella Cherobina de Sampaio, sobrinha de Anna Marques de Sampaio. O caso é que o Duarte Marques de Sampaio, que apadrinha o exposto João, em 19 de março de 1830, é o mesmo Duarte enjeitado em sua porta. O exposto Duarte passou a ser Duarte Marques de Sampaio e, depois, um dos herdeiros de Anna Marques de Sampaio, “que criei por ter sido exposto em minha casa”. Refiro-me ao testamento datado de 1844, deixado por *Anna Marques de Sampaio*, através do qual ela torna seu testamentário e herdeiro, o exposto Duarte Marques de Sampaio ao “que eu criei por ter sido exposto em minha casa.”³⁹

A questão inquietante é por que apenas Duarte foi privilegiado, acolhido e reproduziu o nome de “Marques Sampaio”. A primeira hipótese é de se tratar de um filho ilegítimo, o que não é possível, visto a idade que Anna Marques tinha na data da exposição (cerca de 70 anos). Talvez o filho ilegítimo de um familiar. Nesse caso, seu lar serviu para cobrir uma “falsa exposição” e garantir a honra dos Marques de Sampaio⁴⁰.

Também podemos pensar que seu fogo serviu de passagem para esses expostos, cobrindo um papel de benevolência com essas crianças. Sobre ter ficado com um exposto, Duarte, pode ter sido para servir-lhe na velhice. Até o momento, não encontramos evidência de Anna Marques de Sampaio ter recebido algum auxílio camarário para a criação desses expostos, o que leva a crer que eles foram passados a uma ama-de-leite em outro lar para criação⁴¹.

³⁹ ARQUIVO PÚBLICO DO ESTADO DO RIO GRANDE DO SUL. Processo Judicial/Testamento - 1087 - Testador: Anna Marques de Sampaio - 01/01/1844. Localização: Arquivo Público do Estado do Rio Grande do Sul.

⁴⁰ Para a compreensão do problema dos expostos, é crucial o conceito de “honra”, relacionado com a condição social da mulher, pois não era qualquer moça solteira que perdia a honra ao perder a virgindade. A sociedade de então, quer na metrópole, quer no Brasil, aceitava que a mulher “honrada”, isto é, com algum tipo de nobreza (nem que fosse apenas aquele relacionado com o desempenho de cargos públicos por seus parentes), expusesse o filho natural, ao passo que a plebeia devia enfrentar sozinha a situação. Cf. SILVA, Maria Beatriz Nizza da. O problema dos expostos na Capitania de São Paulo. In: *Anais do Museu Paulista*. São Paulo, 1980-81, tomo XXX, 1981. p. 150.

⁴¹ Trata-se de um fenômeno recorrente no contexto do Antigo Regime europeu e pode ser refletido nesse caso: a “circulação de crianças”. Um estudo para Vila Rica nas Gerais mostrou que as crianças tinham alta mobilidade

A questão é que todas as hipóteses podem explicar esse caso. O que sabemos é que Duarte Marques de Sampaio casou-se com Damazia Antonia Chaves e passou a residir na Freguesia vizinha de Triunfo. Essas informações foram coletadas no registro de casamento da filha de Duarte Marques de Sampaio, que se casou no dia “vinte e seis dias do mês de janeiro 1870”, em Triunfo⁴². É interessante ressaltar que, em homenagem à sua benfeitora, Duarte Marques de Sampaio batizou sua filha com o nome de Anna Marques de Sampaio.

Essa trajetória reconstituída até aqui — que merece um tratamento ainda mais amplo, com novas fontes — já pode nos mostrar um caso de um exposto que, apesar do abandono, foi criado em um novo lar, recebeu um nome e passou a ser herdeiro de terras. Talvez a sorte estivesse ao seu lado, lembrando que Anna Marques de Sampaio não contraiu núpcias, assim não teve filhos legítimos — o que seria uma concorrência árdua para Duarte, pois os filhos legítimos são herdeiros legais. Talvez o fato de Duarte ter sido o único exposto a receber herança pode nos sugerir que era filho ilegítimo de algum familiar de Anna Marques — visto que outras crianças também foram expostas em sua casa —, fruto de alguma relação ilícita aos olhos da Igreja. Casos como esses que abrem “o espaço para as incertezas, os ‘talvez’, os ‘poderia ser’ a que o historiador tem de recorrer quando as evidências são inadequadas ou geram perplexidade.”⁴³

Apesar desses labirintos de pesquisa, o caso de *Anna Marques de Sampaio* pode servir de exemplo para romper alguns pressupostos acerca do fenômeno do abandono. Que nem toda a criança exposta necessariamente viveu num estado de marginalidade social. Que essa questão está muito mais atrelada à sorte de destino que a criança terá, podendo ser enfeitada em lares onde gozará de direitos e reproduzirá o estatuto social dessa família⁴⁴. Penso, assim, que uma

pelas famílias da Vila. Abandoná-las nas portas não significava que o lar as iria receber e, mesmo que as recebesse, não garantiria a permanência na casa. Ambos os casos estavam presentes, ou seja, havia aquelas que encontravam receptividade já no primeiro domicílio e outras que passavam de mão em mão até serem acolhidas. Cf. FRANCO, Renato J. Assistência e abandono de recém-nascidos em Vila Rica colonial. In: VENÂNCIO, Renato Pinto. (Org.). *De Portugal ao Brasil: uma história social do abandono de crianças*. São Paulo; Belo Horizonte: Alameda; Ed. PUC Minas, 2010. p. 156.

⁴² Arquivo Histórico Cúria Metropolitana de Porto Alegre. Livro N° 6 de casamento de Trinfo.

⁴³ DAVIS, Natalie Zemon. *O retorno de Martin Guerre*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987. p. 10.

⁴⁴ O estudo André L. Cavazzani, para Curitiba, mostrou que os expostos acabavam encontrando, no âmbito do *fogo* que os acolheu, as condições que lhes permitiram, quando adultos, inserir-se socialmente no meio que os circundava, da forma mais convencional possível numa sociedade altamente ordenada nos quadros do catolicismo ibérico: casando-se legitimamente. Cf. CAVAZZANI, André Luiz M. *Um estudo sobre a exposição e os expostos na Vila de Nossa Senhora da Luz dos Pinhais de Curitiba (Segunda metade do século XVIII)*. Dissertação (Mestrado em História) - Programa de Pós-Graduação em História. Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2005. p. 143.

abordagem macro e micro só podem trazer benefícios ao historiador visto que uma não exclui a outra.

Considerações finais

Lembrando-se do personagem Sherlock Holmes, o ilustre detetive, criado por Sir Arthur Conan Doyle, em inúmeras de suas histórias gabava-se de sua astúcia frente à *Scotland Yard*. Sua principal crítica dirigida à polícia londrina era que, de maneira comum, pecava quando distorcia os fatos para encaixar uma teoria pré-definida pelos seus investigadores, o que deveria ocorrer, para Holmes, o processo totalmente contrário.

O caso de Holmes pode nos dizer muito. O que procurei mostrar, nesse texto, é de como o corpo teórico-metodológico deve servir ao pesquisador como ferramenta de análise. Assim, cabe ao pesquisador pensar nesse recurso da maneira que melhor contemple o objeto sugerido para análise. No caso, aqui, a junção da macro-história, seu aspecto quantitativo, com a micro-história, na medida em que são recuperadas trajetórias individuais, o recurso de um banco de dados consistente tem se tornado frutífero e enriquecedor para trazer à tona a história do abandono em Porto Alegre nos séculos XVIII e XIX.

Nesse sentido, a trajetória de Anna Marques de Sampaio pode servir como uma reflexão sobre os inúmeros destinos possíveis que esperavam estas crianças enjeitadas, apesar da morte prematura⁴⁵ e da marginalização social que estigmatizavam essas crianças, conforme os estudos referentes às “Rodas de Expostos”⁴⁶. O abandono domiciliar pareceu suavizar esses estigmas sociais.

O caso mostrado de Duarte Marques de Sampaio esteve bem longe de uma marginalização social. Entretanto, o fato de ter recebido tantos expostos pode nos levar a pensar que a exposição infantil era um mecanismo de múltiplas facetas, que poderia ser cometido nas mais diversas intenções, a de quem abandonava e a de quem acolhia a criança.

⁴⁵ Relativo aos índices de mortalidade de crianças expostas, ver SILVA, Jonathan Fachini. Destinos incertos: Um olhar sobre a exposição e a mortalidade infantil em Porto Alegre (1772-1810). In: *Revista Eletrônica Cadernos de História*, ano 7, n. 1, junho de 2012. Disponível em: <<http://www.ichs.ufop.br/cadernosdehistoria/ojs/index.php/cadernosdehistoria/article/view/256>>. Acesso em: 10 out. 2013.

⁴⁶ Cf. VENÂNCIO, Renato Pinto. *Famílias Abandonadas: assistência à criança de camadas populares no Rio de Janeiro e em Salvador – séculos XVIII e XIX*. Campinas: Papirus, 1999.

Desvendar esse universo multifacetado do abandono é, no entanto, o objetivo dessa pesquisa.
Eis, aqui, o ofício do Historiador!

Recebido em: 17/06/2013

Aprovado em: 25/01/2014